

CULTURA E SOCIEDADE EM GILBERTO FREYRE

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco
Universidade Católica de Pernambuco

Fruto de uma multiplicidade de influências, todas filtradas por uma rara capacidade de reinterpretação de conceitos e teorias, o pensamento de Gilberto Freyre tem representado um persistente desafio a quantos têm tentado a sua exegese. O problema da interpretação do pensamento de Gilberto Freyre começa com a sua ostensiva aversão a sistemas simplificadores da realidade, provável consequência de uma personalidade para a qual, como bem expressou Manuel Bandeira, "não existem fronteiras rígidas entre a região da poesia e a região da ciência." (In Amado et. al., 1962, p. 97). O que, no entanto, não significa que não exista um sistema de pressupostos teóricos a nortear a abordagem gilbertiana. Assim, o problema que aqui nos propomos é a identificação das matrizes teóricas – sociológicas e antropológicas, notadamente – da concepção de cultura e sociedade subjacente ao pensamento de Gilberto Freyre. Em outras palavras, a que paradigmas da sociologia e da antropologia filia-se a obra de Gilberto Freyre? Que influências estão na origem de tais filiações? Quais as afinidades da abordagem pessoal de Gilberto Freyre com os paradigmas e abordagens clássicas nessas ciências?

Não nos interessa, portanto, rastrear todas as possíveis influências sobre a abordagem pessoal de Gilberto Freyre, mas, apenas, aquelas estritamente socioantropológicas. Daí a exclusão das fontes artístico-literárias de influência, tão significativas no caso de um intelectual que, apesar da consciência da importância da sua contribuição às ciências sociais, dizia-se, na maturidade, antes "escritor literário" (1968, p. 165), não sendo "o sociólogo, o

antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador [senão] ancilares do escritor." (Idem)

Assim, nos ocuparemos, em primeiro lugar, de alguns parentescos intelectuais de Gilberto Freyre – uns inequívocos porque confessos, outros menos ostensivos, requerendo investigação mais detida para a sua identificação – com as elaborações de outros cientistas sociais, quer filiados à tradição européia, quer ligados ao pensamento norte-americano, que tantas e tão profundas marcas deixou sobre a personalidade intelectual de Gilberto Freyre. Em segundo lugar, nos ocuparemos das afinidades do pensamento de Gilberto Freyre com as abordagens de outros cientistas sociais, não resultando tais afinidades de influência identificável sobre o seu pensamento.

Se constitui empreendimento arriscado o de identificar as fontes de influência no pensamento de qualquer autor, maior a possibilidade de risco quando se trata de autor da reduzida estirpe de Gilberto Freyre, que combina em sua personalidade intelectual uma multiplicidade de influências provenientes de fontes tão heterogêneas – científicas, artístico-literárias, filosóficas – sem que, em muitos casos, se possa dizer com segurança quais as de maior peso.

A primeira, decisiva e inequívoca influência formadora do pensamento de Gilberto Freyre é a de Herbert Spencer. É influência da qual dificilmente poderia ter escapado o jovem Gilberto. Para Vamireh Chacon, "a Sociologia nasceu no Brasil menos por obra de Comte ou Kant que de Spencer," (1977, p. 29) enquanto Maria Isaura Pereira de Queiroz observa que "o positivismo exerceu indiscutível ascendência sobre políticos, militares, profissionais liberais da época; mas os cientistas sociais que a partir de 1870 publicavam seus trabalhos mostravam-se muito mais atraídos pelas teorias de Spencer, que parece ter se constituído o teórico então preferido." (1989, p. 384) De acordo com o mesmo Chacon, foi Spencer "quem traçou um largo arco, da maturidade de Sílvio Romero à juventude de Gilberto Freyre, ocupando meio século da vida intelectual brasileira, numa das mais longas e profundas influências por ela recebida." (Idem) Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima, Joaquim Duarte Murтинho, Sílvio Romero, Paulo Eglídio de Oliveira Carvalho e Júlio Ribeiro são alguns entre os mais notáveis intelectuais brasileiros a receber, de algum modo, a influência de Spencer. É, ainda, Chacon quem observa que: "Uma leitura muito divulgada, na adolescência de Gilberto, era a tradução de *Educação Intelectual, moral e física*, de Spencer [...]" (Ibid., p. 44) O próprio Gilberto Freyre afirma:

... devo reconhecer que foi das maiores influências que me orientaram ou estimularam a formação intelectual: influência particularmente viva no meu período de adolescentismo literário. (1964, p. XXII)

Importante para a compreensão do peso de Spencer sobre a abordagem típica de Gilberto Freyre é a idéia de que a sociedade, como a concebia Spencer, constituindo realidade supra-orgânica, não exclui, porém, antes, supõe o orgânico e o inorgânico, o que equivale a dizer que a sociologia, possuindo domínio próprio, não deve, contudo, deixar de lado as condições na-

turais da vida social e da cultura. Daí, compreensivelmente, ter afirmado Gilberto Freyre:

Uma das influências de Spencer sobre minha orientação de estudos permanece no que se tornaria meu Ecologismo. (1964, p. XXV)

De Spencer, Gilberto Freyre receberia, ainda, a marca do darwinismo social, que, no entanto, sob a influência decisiva de Franz Boas, reinterpretaria, pondo de lado o arianismo do qual essa doutrina vinha normalmente acompanhada. Quem não recorda o parágrafo de abertura de *Casa-Grande & Senzala*?

Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. (1963, p. 69).

Radicalmente contrário ao arianismo dominante no Brasil de então, Gilberto Freyre não descarta, contudo, a possibilidade de tipos étnicos circunstancialmente, culturalmente, mais aptos à sobrevivência em áreas geográficas específicas, como, no caso, o português em relação às áreas tropicais. A Gilberto Freyre, defensor de uma "sociologia existencial", não interessa o homem em geral, mas, o "homem situado". Assim, é no português, resultado da fusão do ibérico original com o mouro, que Gilberto Freyre vai identificar o tipo étnico mais apto à sobrevivência nos Trópicos do Novo Mundo, "depois de um século inteiro de contato" com esta faixa do globo terrestre. E ressalta, ainda, "na presença, entre os elementos que se juntaram para formar a nação portuguesa, dos de origem ou *stock* semita", um tipo "hereditariamente predisposto à vida nos trópicos por um longo *habitat* tropical", acrescentando que "o elemento semita, móvel e adaptável como nenhum outro, terá dado ao colonizador português do Brasil algumas das suas principais condições físicas e psíquicas de êxito e resistência." (Ibid. p. 73).

Trata-se, desse modo, de um darwinismo social – o de Gilberto Freyre –, se assim pudermos dizer, às avessas, não apenas destituído de qualquer traço de racismo e, principalmente, arianismo, mas radicalmente contrário a tais atitudes; um darwinismo social, reinterpretado, culturalizado, após o contato de Gilberto Freyre com Boas, segundo o critério da "diferença entre raça e cultura." (Ibid. p. 5) Evidenciando a sua preocupação com o lugar da raça, mesmo sob o filtro de Boas, na formação das culturas e civilizações, o conceito gilbertiano de meta-raça constitui outra evidência da marca do darwinismo social no pensamento de Gilberto Freyre.

Outra influência significativa e confessa na formação intelectual de Gilberto Freyre é a que recebeu de Oliveira Lima, uma influência que antecede o primeiro encontro dos dois pernambucanos, quando o jovem Gilberto contava apenas 17 anos de idade, pois, como relata Edson Nery da Fonseca, ainda ginásiano "Gilberto Freyre havia lido a obra do grande pernambucano e acompanhava com entusiasmo sua atividade jornalística." (1983, p. 21) De Oliveira Lima dirá Gilberto Freyre:

... não me lembro de mestre nenhum, exceto Boas, que viesse a exercer influência tão poderosa sobre a minha formação, inclusive sobre os estudos em que me especializaria: os do patriarcado rural e da miscigenação no Brasil. (1968a, p. 67)

De Oliveira Lima receberia Gilberto Freyre o sentido da importância fundamental da história como fonte insubstituível de conhecimento do social; a marca do historicismo do qual viria a derivar a sua "sociologia genética", como ele próprio a denominou, formando, assim, juntamente com o seu "ecologismo", as duas abordagens complementares que caracterizam a sua orientação de estudos, a sua maneira pessoal de perceber e interpretar a sociedade e a cultura.

A terceira e igualmente marcante fonte de influência na formação intelectual de Gilberto Freyre – talvez a mais apregoada – é a que recebeu de Franz Boas, em Columbia. É clássico o parágrafo do 1º prefácio, tão citado e freqüentemente distorcido, a *Casa-Grande & Senzala*:

O Professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Columbia. Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. [...]

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e do meio. (1963, p. 5)

Que perspectiva de cultura e sociedade Boas transmite a Gilberto Freyre? Tendo começado a sua vida intelectual como adepto do determinismo ambiental, Boas altera a sua visão do social a partir da compreensão do papel da cultura nas sociedades humanas depois da sua expedição à Terra de Baffin, sem, no entanto, pôr de lado a interação da cultura com o ambiente natural, como pressuposto necessário à compreensão da primeira. Daí não resvalar para o idealismo culturalista de alguns dos seus discípulos – Ruth Benedict e Margaret Mead, por exemplo –, mais próximos da "consciência coletiva" de Émile Durkheim.

A combinação da marca de Spencer com a influência de Boas, esta modificando a primeira, levaria Gilberto Freyre à aceitação, embora com alguma restrição, da abordagem da chamada "Escola de Chicago", liderada por Robert E. Park, corrente que parece constituir outra fonte de influência marcante no desenvolvimento da sua abordagem. Se é verdade que a admiração manifesta de Gilberto Freyre em relação à Ecologia Humana, conforme codifica-

da por Park, Burgess e McKenzie (1984), nem sempre é desprovida de crítica, é inquestionável o seu apreço intelectual por essa corrente, como denota depoimento datado de 1945:

Desde o curso de sociologia que em 1935 iniciamos na Faculdade de Direito do Recife e continuamos, no mesmo ano, na Faculdade de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal, temos procurado destacar a importância dos estudos sociológicos realizados sob critério ecológico, em geral, e ecológico à maneira da Escola de Chicago, em particular. (1962, tomo 2, p. 481)

A propósito de um possível parentesco por influência, e não simples afinidade – sem subestimar o fato de que, na vida intelectual como na vida afetiva a afinidade freqüentemente conduz ao parentesco –, da abordagem de Gilberto Freyre em relação à Ecologia Humana dos sociólogos de Chicago, é pertinente evocar alguns fatos de interesse para esta discussão. Quando, em 1918, Gilberto Freyre chega aos Estados Unidos para estudar em Baylor, publicava-se o 1º volume de *The Polish Peasant in Europe and America*, de William I. Thomas e Florian Znaniecki, a primeira pesquisa empírica de grande porte na ciência social naquele país, um inquestionável *turning point* na história da sociologia e da antropologia norte-americanas. Quando, em 1921, Gilberto Freyre defendia sua tese de mestrado em Columbia, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* (1977), era publicado em Chicago o *Introduction to the Science of Sociology*, de Robert E. Park e Ernest W. Burgess. Àquela época, a sociologia nos Estados Unidos gravitava em torno do departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Chicago; a sociologia de Chicago era a sociologia norte-americana, assim como a antropologia de Columbia era a antropologia norte-americana. Entre 1915, quando Park foi contratado pela Universidade de Chicago, até cerca de 1935, aquele departamento foi hegemônico na sociologia norte-americana – tanto quanto, durante período mais longo, o departamento de sociologia e antropologia de Columbia foi, graças à presença de Boas, hegemônico em relação à antropologia naquele país. O *Introduction to the Science of Sociology* era a “bíblia” – a “green bible”, como era então chamado – da “Escola de Chicago”. Compreensível, daí, o interesse manifesto de Gilberto Freyre, sempre atento a tudo que de importante acontecia na sociologia ao seu alcance, em relação à Ecologia humana nos moldes dos sociólogos de Chicago, interesse reforçado pelas suas predisposições intelectuais derivadas do seu contato decisivo, na juventude, com a obra de Spencer, assim como pela menor importância da contribuição de Franklin Giddings, também mestre do jovem Gilberto e chefe do departamento de sociologia e antropologia de Columbia, à época.

Parece bastante difundida a idéia de que o que se usa denominar “Escola de Chicago” não foi mais do que um movimento voltado para o estudo monográfico dos fenômenos urbanos, movimento rico na coleta de dados de primeira mão, porém teoricamente pobre. Esta, no entanto, representa uma visão estereotipada e distorcida daquele movimento. Se se pode discordar das teorias dos sociólogos de Chicago, não é possível, por outro lado, negar a

existência de preocupação teórica por parte daqueles sociólogos, tanto mais quanto à "Escola de Chicago" corresponde um dos paradigmas da sociologia: o paradigma aqui denominado ecológico-interacionista. O que caracteriza este paradigma é precisamente a admissão de certas relações supostamente necessárias entre os fenômenos sociais e a ocupação humana do espaço; um paradigma que não despreza os componentes naturais (ambientais, biopsíquicos) da vida social. Neste aspecto, o paradigma de Chicago afasta-se radicalmente da concepção durkheimiana de sociedade e de sociologia.

Como sabemos, para Durkheim, os fatos sociais não podem ser confundidos com os fatos biológicos e psicológicos, e, dessa maneira, ao sociólogo caberia evitar qualquer intersecção do seu trabalho com o do cientista da natureza e, em conseqüência, com o estudo do ambiente natural. É assim que, rigorosamente idealista, a concepção de sociedade e de sociologia proposta por Durkheim não permite ao sociólogo qualquer indagação a respeito das possíveis relações entre vida social e ambiente natural.

Assim não entenderam os sociólogos de Chicago. E não poderia ser de outro modo, em coerência com a corrente realista do pragmatismo, que constitui a base filosófica da sociologia ali desenvolvida. Se para o pragmatismo – ao menos em sua versão realista – não há como estabelecer fronteiras entre a teoria e a prática, o subjetivo e o objetivo, a personalidade e a sociedade, levando-se às últimas conseqüências o mesmo princípio dialético, não há, igualmente, como identificar com nitidez os limites entre natureza e cultura. Assim, para os sociólogos de Chicago, o estudo científico da sociedade deveria compreender tanto o cultural quanto o psicológico e o biológico.

Entende-se, daí, porque a concepção gilbertiana de sociedade e de cultura, graças às marcas de Spencer e de Boas, esteja mais próxima da Ecologia Humana, de Park, Burgess e McKenzie, do que da redução idealista de Durkheim. Entende-se, igualmente, que esteja Gilberto Freyre mais próximo de uma visão materialista da sociedade do que da "consciência coletiva" durkheimiana. Lembremos outro trecho esclarecedor do 1º Prefácio a *Casa-Grande & Senzala*:

Por menos inclinados que sejamos ao materialismo histórico, tantas vezes exagerado nas suas generalizações – principalmente em trabalhos de sectários e fanáticos – temos que admitir influência considerável, embora nem sempre predominante, da técnica da produção econômica sobre a estrutura das sociedades; na caracterização da sua fisionomia moral. (1963, p. 5)

Dono de uma personalidade intelectual caracteristicamente eclética, Gilberto Freyre assimila muito seletivamente e, sobretudo, criticamente, as influências que recebe. Admitindo a "influência considerável" da infra-estrutura econômica sobre a "fisionomia moral" das sociedades, está, no entanto, de guarda contra o que possa existir de "exagerado nas [...] generalizações" do materialismo histórico, como está sempre de guarda contra qualquer forma de reducionismo. Compreensível, daí, a atitude ao mesmo tempo de admiração e de reserva em relação à Ecologia Humana dos sociólogos de Chicago:

Embora a adesão ao darwinismo filosófico dê aos ecologistas de Chicago – à sua insistência sobre uma “ciência natural” da sociedade, sobre uma “história natural” de instituições, sobre “áreas naturais” e sobre a importância do processo de “competição” entre homens sociais ou entre instituições – aspecto de uma quase seita sociológica salda do calvinismo ou do determinismo biológico, suas contribuições à Sociologia no campo da investigação sociológica e da Sociologia aplicada obrigam-nos a destacar o fato de que não há hoje, nos Estados Unidos ou na Europa, grupo mais ativa e inteligentemente criador de sociólogos especializados no estudo da vida urbana que os ecologistas de Chicago. (1962, tomo 2, p. 442-3)

E, no entanto, em que pese a atitude de reserva a possíveis exageros no ecologismo dos sociólogos de Chicago, ninguém terá procurado entender melhor do que Gilberto Freyre o lugar das condições naturais, ambientais, na investigação sociológica, como quando argumenta:

Quando os sociólogos procuram destacar o fato de que a seleção natural, que opera sobre a espécie humana como sobre os organismos infra-humanos, é condicionada, no seu modo de operar sobre a espécie humana, pela qualidade ou tipo de cultura ou civilização que se desenvolve em dado lugar ou tempo, pretendem que exista uma zona de estudo biológico, por métodos biológicos de análise, que seja também de estudo sociológico, por método sociológico. (1962, tomo 2, p. 331)

Por outro lado, Gilberto Freyre afasta-se do paradigma de Chicago no seu inarredável sentido da dimensão histórica do social, pois, como sabemos, uma das características mais proeminentes da abordagem dos sociólogos de Chicago é a atitude francamente anti-historicista, em que pese o fato de ter Park, tanto quanto Albion Small e William I. Thomas, realizado estudos pós-graduados na Alemanha do fim do século XIX.

Outro aspecto da abordagem gilbertiana claramente aparentada à “Escola de Chicago” é o que diz respeito à empatia como instrumento imprescindível ao conhecimento científico do social, o que termina por nos levar a um filósofo muito do gosto tanto de Gilberto Freyre quanto de Park: William James. Tendo estudado com James em Harvard, Park costumava relembrar com frequência um artigo de seu mestre: “On a Certain Blindness in Human Beings.” Como explica o próprio Park, a ‘cegueira’ à qual James se refere está na dificuldade de penetrar no “significado da vida de outras pessoas”. (1950, p. vi) E foi com base nas idéias de James expostas naquele artigo que Park afirmou que “o que o sociólogo mais precisa conhecer é o que se passa por trás dos rostos dos homens [...]” (1950, p. vi) Daí a importância da empatia para o sociólogo, como daí considerar Martin Bulmer (1984, p. 93) que a característica mais significativa na orientação metodológica de Park está na importância concedida ao ponto de vista do ator social.

Que Gilberto Freyre cedo teve contato com o pensamento de William James é fato documentado. Em seu diário de adolescência, registrava Gilberto Freyre, em 1917, estar lendo Kant, Nietzsche, Schopenhauer, Bergson e William James. No mesmo ano, acrescentava:

É verdade: Heidelberg é lugar onde eu gostaria de estudar. Ou Heidelberg ou Paris ou Oxford. Mas se for para os Estados Unidos, há um consolo; e é que, afinal, dos Estados Unidos é um certo William James que talvez seja o filósofo moderno mais capaz de dar ao mundo de agora uma filosofia adequada a várias formas novas de experiências humanas. (1975, p. 15)

Nota-se, desse modo, a aproximar Gilberto Freyre e Park, em seus métodos de abordagem e interpretação, uma influência comum e decisiva: a de William James e, portanto, do pragmatismo como sistema filosófico. É, aliás, aspecto que merece investigação mais detida: a presença do pragmatismo – mais o de James que o de John Dewey – no pensamento de Gilberto Freyre. Não se trata, como quer que seja, de puro acaso a admiração de Gilberto Freyre em relação a Park:

Dos mestres de sociologia norte-americana nenhum excede, em nossos dias, ao Professor Park em autoridade [...]. (1962, tomo 1, p. 321)

Apesar de controvérsias recentes, (Lewis e Smith: 1980) não há como subestimar o papel do pragmatismo, notadamente o de Dewey e o de James, na sociologia de Chicago. Afora a presença difusa do pragmatismo como um componente fundamental do *ethos* norte-americano, mais do que um sistema filosófico, há que assinalar o fato de que Park foi aluno também de Dewey, em Michigan. Além desse fato, vale lembrar que Dewey foi professor na Universidade de Chicago entre 1894 e 1904; quando se transferiu para Columbia. Outra presença marcante como representante do pragmatismo na mesma Universidade de Chicago foi George H. Mead, que, levado por Dewey, ali ensinou de 1894 até a sua morte, em 1931.

Não se limita a Park a ligação intelectual de Gilberto Freyre com os sociólogos de Chicago. Também William I. Thomas figura entre os sociólogos da sua admiração. Em seu diário de adolescência e juventude, registra Gilberto Freyre, em 1928:

Venho lendo com novo proveito [...] não só o meu velho Boas como Thomas. Thomas é para mim o maior – depois de Weber, é claro – dos sociólogos modernos não só dos Estados Unidos como da Europa. E nem Weber nem Von Wiese nem Simmel nem os franceses nem Pareto o excedem no conjunto de qualidades que o tornam um analista e, ao mesmo tempo, um intérprete tão lúcido da realidade social.

O estudo do camponês polaco e o *Source Book for Social Origins*, por ele organizado, são livros que abrem perspectivas imensas ao desenvolvimento do estudo sociológico como esse desenvolvimento deve verificar-se: combinado com o dos estudos antropológicos. (1975, p. 225)

Ao lado de Znaniecki, Park e Burgess, Thomas foi um dos mentores da "Escola de Chicaco". Seus interesses se situam tanto no campo da sociologia quanto no da antropologia cultural e da psicologia social, sendo considerado um dos fundadores desta última disciplina. Dessa maneira, interessou-se Thomas, de modo especial, pela questão, crucial para as ciências do comportamento, da intersecção da personalidade com a cultura e a sociedade. Algumas das suas elaborações teóricas são hoje consideradas obsoletas, como, por exemplo, a sua classificação dos "quatro desejos" (1966, p. 117-139) supostamente universais entre os seres humanos – que Gilberto Freyre considerou "classificação arbitrariamente simplista" (1962, tomo 2, p. 559) – e a sua classificação dos tipos de personalidade. (Ibid. p. 168-81) Sua contribuição mais duradoura está nos conceitos de "definição da situação" e, principalmente, "atitude" (Ibid. p. 257-88). Seu nome, contudo, está mais frequentemente associado ao clássico *The Polish Peasant in Europe and America*, realizado juntamente com Florian Znaniecki e publicado entre 1918 e 1919, considerado por Lewis Coser (1977, p. 381) como "o primeiro grande clássico da sociologia empírica" nos Estados Unidos, e classificado por Gilberto Freyre como uma "obra-prima da sociologia moderna." (1962, tomo 1, p.27).

O aspecto mais original da pesquisa de Thomas e Znaniecki está na utilização da história de vida através de documentos pessoais, sobretudo cartas, como principal fonte de informação, estando aqui uma marca de Thomas sobre Gilberto Freyre.

Mas não está apenas aí a influência de Thomas sobre o pensamento de Gilberto Freyre. Também na abordagem ao mesmo tempo sociológica, antropológica e psicológica parece estar a marca de Thomas na abordagem gilbertiana. É notória, na obra de Thomas, a sua divergência em relação às idéias de Durkheim, notadamente no que diz respeito às fronteiras entre sociologia e psicologia. Na "Nota Introdutória" de *The Polish Peasant*, Thomas e Znaniecki chegam a contestar explicitamente a idéia durkheimiana de que a causa de um fato social somente pode ser buscada em outro fato social, argumentando que os fatos sociais compreendem componentes psicológicos tais como atitudes (Apud Bulmer, 1984, p. 56). A mesma rejeição da demarcação de fronteiras nítidas intransponíveis entre a sociologia e a psicologia está presente em Gilberto Freyre, no seu apreço pela biografia, ao modo de Thomas, como meio necessário, senão obrigatório, ao conhecimento do social, não sendo de admirar que, no mesmo diário de adolescência e juventude, tenha registrado:

Venho lendo Sumner, que é na verdade um grande mestre. Também Durkheim, que precisa ser lido como corretivo a Tarde – talvez o maior dos dois: talvez venha a ser considerado maior que Durkheim. (1975, p. 147)

Trata-se, já se vê, de uma tomada de posição: na famosa polêmica entre Durkheim e Tarde, Gilberto Freyre fica decididamente com o psicologismo do segundo. e não com o sociologismo do primeiro. Daí não hesitar em afirmar:

É hoje principalmente sobre a Psicologia que se apóia a Sociologia no que ela tem de ciência natural e generalizadora, com possibilidades de de-

envolver leis de validade universal sobre aspectos de interesse sociológico do indivíduo; enquanto, por outro lado, a Antropologia e a História sociais e culturais são o melhor apoio para a sua situação de ciência também cultural. (1962, tomo 1, p. 235)

Dai, igualmente, concluir:

O que se pode afirmar é que o contato do sociólogo com os estudos de Psicologia é um contato necessário. Talvez se possa mesmo dizer, indispensável. (Ibid. tomo 1, p. 238)

Para Gilberto Freyre, portanto, como para Thomas, ao contrário do que defende Durkheim, não há solução de continuidade entre "consciência individual" e "consciência coletiva", entre personalidade e cultura, o que, afinal, representa em ambos a marca do pragmatismo em sua negação dialética da dualidade objetivo/ subjetivo.

Do mesmo modo que em relação a Park e Burgess, no entanto, Gilberto Freyre afasta-se de Thomas na concepção, por parte deste último, da sociologia como ciência exclusivamente natural e na conseqüente limitação do campo de investigação desta ciência à dimensão sincrônica dos fenômenos sociais:

De onde nos afastamos radicalmente de Thomas é quanto ao seu critério de dever-se compreender o passado pelo presente. Não que o inverso nos pareça ser exatamente o certo. Mas por não nos parecer possível separar-se sociologicamente o passado do presente, como contrários nítidos e absolutos, quando o tempo é psicológica e socialmente composto de variáveis que se alteram conforme o ritmo em que os vivem, num vasto espaço-tempo social como o brasileiro, diferentes subgrupos. (Ibid. tomo 1, p. XXXIX)

Aqui, já aponta Gilberto Freyre para o seu conceito de "tempo tróbio" (do qual não nos ocuparemos nesta reflexão), resultado da sua busca de síntese da perspectiva historicista com a naturalista de sociologia, do sincrônico com o diacrônico.

A importância concedida por Gilberto Freyre aos componentes psicológicos da vida social consolida-se em sua análise clássica da formação da sociedade e do caráter brasileiros, conforme explicita em um dos textos mais elucidativos para compreensão da sua abordagem, o 1º Prefácio a *Casa-Grande & Senzala*:

Em contraste com o nomadismo aventureiro dos bandeirantes – em sua maioria mestiços de brancos com índios – os senhores das casas-grandes representaram na formação brasileira a tendência mais caracteristicamente portuguesa, isto é, pé-de-boi, no sentido da estabilidade patriarcal. Estabilidade apoiada no açúcar (engenho) e no negro (senzala). Não que estejamos a sugerir uma interpretação étnica na formação brasileira ao lado da econômica. Apenas acrescentando a um sentido puramente material, marxista, dos fatos, ou antes, das tendências, um sentido psicológico. Ou psicofisiológico. (1963, p. 17)

E recorre, a propósito, às investigações de Cannon e de Keith, as quais

parecem indicar que atuam sobre as sociedades, como sobre os indivíduos, independente de pressão econômica, forças psicofisiológicas, suscetíveis, ao que se supõe, de controle pelas futuras elites científicas – dor, medo, raiva – ao lado das emoções de fome, sede, sexo. Forças de uma grande intensidade de repercussão. Assim, o Islamismo, no seu furor imperialista, nas suas formidáveis realizações, na sua exaltação mística dos prazeres sensuais, terá sido não só a expressão de motivos econômicos, como de forças psicológicas que se desenvolveram de modo especial entre populações do Norte da África. Do mesmo modo, o movimento das bandeiras – em que emoções generalizadas de medo e raiva se teriam afirmado em reações de superior combatividade. O português mais puro, que se fixou em senhor de engenho, apoiado antes no negro do que no Índio, representa talvez, na sua tendência para a estabilidade, uma especialização psicológica em contraste com a do Índio e a do mestiço de Índio com português para a mobilidade. (Ibid. p. 17-8).

Não é a pertinência da interpretação, em si mesma, que aqui nos interessa, mas, a evidência de duas constantes fundamentais na concepção de sociedade e, portanto, de sociologia em Gilberto Freyre: de um lado, a ênfase nas condições econômicas, materiais, da vida social; de outro lado, a atenção concedida às condições psicológicas na formação das sociedades (“... acrescentando a um sentido puramente material, marxista, dos fatos. [...] um sentido psicológico.”).

Aparentemente, a abordagem gilbertiana aproxima-se da concepção durkheimiana de “fato social” como constituído de “maneiras de agir, de pensar e de sentir” coletivamente partilhadas. No entanto, a perspectiva gilbertiana está muito distante da conceituação de sociedade proposta por Durkheim, aproximando-se inequivocamente do psicologismo de Tarde e, principalmente, da abordagem de Thomas. A Gilberto Freyre não interessa a redução idealista da “consciência coletiva” de Durkheim, como não interessa a delimitação nominalista de fronteiras nítidas e intransponíveis entre sociologia, biologia e psicologia, fundamental, repita-se, na sociologia durkheimiana. A “sociologia existencial” de Gilberto Freyre, como a Thomas, o conhecimento científico da vida social não pode prescindir da biografia, da história de vida de indivíduos concretos refletindo em suas experiências pessoais as situações sociais, ou antes bio-sócio-culturais, objetivas em que estão inseridas. E aqui, voltamos à presença do pressuposto pragmático da unidade objetivo/subjetivo, indivíduo/sociedade, cultura/personalidade.

Chegamos, assim, ao campo das afinidades, estas menos teóricas que metodológicas. E é antes no campo das afinidades que Gilberto Freyre liga-se à sociologia alemã: a de Max Weber e, principalmente, a de Georg Simmel.

Como sabemos, para Max Weber, seguindo o critério proposto por Dilthey, o método por excelência da sociologia seria o da compreensividade (*verstehen*), cabendo ao sociólogo compreender os significados da ação social, para, por este meio, buscar a sua explicação. Não é por outro método

que Weber procura relacionar o desenvolvimento do capitalismo moderno com a ética do protestantismo calvinista, vendo neste a fonte de significado de ações individuais que, no plano econômico, terminariam por conduzir à acumulação de capital e a uma predisposição à supremacia da razão, favorecendo, assim, o desenvolvimento do capitalismo industrial.

Embora empatia e compreensividade não sejam a mesma coisa, é através da empatia que Gilberto Freyre liga-se, de algum modo, ao método weberiano da compreensividade, pois parece pertinente admitir a empatia como expressão psicológica radical do método de Weber: radical porque vai além da possibilidade de compreensão disciplinadamente racional dos significados subjacentes às ações humanas, para atingir o plano mais profundo da percepção emocionalmente carregada dos sentimentos humanos relacionados àqueles significados. Como quer que seja, a empatia supõe a compreensividade, embora a recíproca não seja verdadeira. E é através da empatia que o cientista social se confunde com o "escritor literário", para usarmos expressão do gosto de Gilberto Freyre, com o poeta e o romancista.

Afinidade mais significativa entre a abordagem gilbertiana e a de Max Weber está na recusa de ambos a toda e qualquer solução reducionista. Não esqueçamos que, ao fazer a crítica do princípio básico do materialismo histórico em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber não defende uma concepção idealista de sociedade, porém, uma concepção na qual infra-estrutura econômica e ideologia estão em contínua interação, variando o peso relativo de cada uma dessas duas instâncias de acordo com a especificidade de cada situação histórica particular. Do mesmo modo que Max Weber, ao contestar a redução do social ao econômico, Gilberto Freyre não defende o determinismo oposto; como ao negar o determinismo idealista, durkheimiano, não adere à visão materialista da sociedade. E, aqui, voltamos a nos deparar com um parentesco, e não pura afinidade, de Gilberto Freyre com a tradição germânica, resultado da influência de Oliveira Lima na sua formação intelectual: o sentido da singularidade histórica do social.

A investigação das possíveis fontes germânicas do pensamento de Gilberto Freyre demanda a consideração obrigatória de um fato: o de ter Gilberto Freyre declarado reiteradamente não possuir domínio do alemão, não lhe sendo possível, segundo suas próprias palavras, senão "arranhar pela crosta um alemão como que básico e somente técnico, para estudante de Antropologia e Sociologia." (1968, p. 45) Lamentava-se Gilberto Freyre de ter conhecimento apenas superficial da língua alemã: "Tão superficial que não me permitiu até hoje ler no original um Goethe e um Hegel, um Nietzsche e um Max Weber, um Herder e um Georg Simmel, um Thomas Mann e um Heidegger." (Idem) É fato de especial importância quanto ao que aqui temos denominado de "afinidades" da abordagem de Gilberto Freyre com a de Max Weber.

À época da primeira fase norte-americana da formação intelectual de Gilberto Freyre – a que vai de 1918 a 1921 – Weber era praticamente ignorado nos círculos sociológicos norte-americanos. Aliás, não era sequer considerado sociólogo, porém economista e historiador. Em 1904, Weber esteve nos

Estados Unidos para pronunciar conferência em um congresso científico realizado por ocasião da Feira Internacional de St. Louis, passando quase despercebido. Ao que tudo indica, não teve eco nos círculos sociológicos dos Estados Unidos a publicação em inglês do texto daquela conferência. Só muito tardiamente veio a se dar a tradução para o inglês da obra de Weber. Em 1927, publica-se nos Estados Unidos, em tradução do economista Frank Knight, da Universidade de Chicago, a *História econômica geral*. Em 1930, foi publicada a primeira tradução, feita por Talcott Parsons, para o inglês, de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Data de 1945 a publicação da tradução, feita por Talcott Parsons e A.M.Henderson, da primeira parte de *Economia e sociedade*. Em 1946, Wright Mills e Hans Gerth publicam a seleção de textos extraídos de *Economia e sociedade* sob o título de *From Max Weber*. É significativo o fato de que, como relata Martin Bulmer, no início dos anos trinta, Frank Knight realizou algumas conferências sobre Weber na Universidade de Chicago, sem jamais pronunciar a palavra sociologia ou citar outro sociólogo além de Weber. Como quer que seja, foi a partir de 1937, com a publicação de *The Structure of the Social Action*, de Talcott Parsons, que os sociólogos norte-americanos começaram a dar atenção a Max Weber. Antes, não havia como conciliar o pensamento de Weber com a tradição ostensivamente anti-historicista da sociologia norte-americana.

O mesmo não sucedeu com Georg Simmel. Amigo de Albion Small desde o tempo em que este estudou em Berlim, entre 1879 e 1881, Simmel teve vários artigos traduzidos por Small para o inglês e publicados no *American Journal of Sociology*, entre os fins do século passado e as duas primeiras décadas deste século. Dentre os 75 textos de autores diversos incluídos no *Introduction to the Science of Sociology*, de Park e Burgess, 8 são de autoria de Simmel, que, desse modo, foi o primeiro sociólogo alemão a ter penetração nos círculos acadêmicos norte-americanos.

Lembro de ter ouvido mais de uma vez Gilberto Freyre afirmar sentir-se mais próximo de Simmel do que de Weber. Tendo estudado nos Estados Unidos entre 1918 e 1921, e não possuindo domínio da língua alemã, Gilberto Freyre provavelmente entrou em contato, em uma fase crucial da sua formação intelectual, com o pensamento de Simmel antes de ter contato direto com a obra de Weber. E, no entanto, Simmel não é citado uma vez sequer em *Casa-Grande & Senzala*, enquanto Weber é citado 3 vezes, o que também não significa muito. Qual o tipo de relação da abordagem de Gilberto Freyre com a de Simmel? De parentesco derivado de influência, ou de afinidade no estilo de pensamento? Não citado uma vez sequer em *Casa-Grande & Senzala*, Simmel perpassa, no entanto, todas as entrelinhas desse livro, estando aí, provavelmente, mais presente do que o mais citado dos autores (no caso, Gabriel Soares de Souza), pois o que liga Gilberto Freyre a Simmel é antes a afinidade de estilo de abordagem. A Gilberto Freyre não interessou a concepção simmeliana de sociologia como ciência das formas sociais, abstraídas da singularidade de seus conteúdos históricos; como parece não ter sido de seu interesse as análises de fenômenos e situações sociais tão diversas quanto a moeda e o estrangeiro.

Mas, do mesmo modo que Gilberto Freyre, Simmel desconhecia fronteiras entre as disciplinas das ciências sociais, bem como entre estas e as disciplinas humanísticas. Do mesmo modo que a obra de Gilberto Freyre, o trabalho de Simmel é exemplarmente "herético do ponto de vista metodológico", como o próprio autor de *Casa-Grande & Senzala* veio a referir-se a esse livro. (1963, p. 58) Para Simmel como para Gilberto Freyre, não existem limites intransponíveis entre os domínios da sociologia, da psicologia, da antropologia cultural, da economia e nem mesmo da especulação imaginativa em torno do social. São, ambos, personificações da interdisciplinaridade – a busca da síntese através da combinação de todos os métodos disponíveis.

E é o mesmo esforço de síntese que aproxima Gilberto Freyre da "Escola dos *Annales*", como se usa denominar o movimento de renovação dos estudos históricos, inicialmente liderado por Lucien Febvre e Marc Bloch, em torno dos *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, criado em 1929. Em oposição à concepção tradicional de História, aos que fizeram a "Escola dos *Annales*" o que interessava era aquilo que se veio a denominar de "história total": uma história voltada para todas as atividades humanas (e não para todos os pormenores da vida social): para o cotidiano, e não apenas para a superfície grandiosa dos acontecimentos políticos de uma sociedade; uma História em permanente diálogo com a sociologia e a economia, a antropologia e a psicologia social.

Costuma-se enfatizar o ecletismo no pensamento de Gilberto Freyre, mas o que pouco se tem feito é procurar a ordem sob o aparente caos desse ecletismo. Em outras palavras, o que nos parece necessário é a identificação das constantes, das idéias-chaves no mais das vezes submersas na corrente desorientadora do discurso gilbertiano, a fim de que seja possível identificar o sistema conceitual que ordena o pensamento de Gilberto Freyre. Com isto não se pretende reduzir a abordagem gilbertiana ao tipo de esquematização simplificadora, quando não simplista, do real (que Gilberto Freyre tanto evitou na sua aversão a reducionismos de qualquer espécie), porém, melhor compreender uma abordagem que, pela sua complexidade, bem como pela multiplicidade e heterogeneidade de suas fontes, demanda necessária interpretação epistemológica e investigação meta-sociológica. É tarefa que requer o concurso do historiador de idéias, mas, igualmente, do filósofo e de quem esteja interessado em aplicar os critérios da sociologia do conhecimento ao estudo da própria sociologia como um produto social, ou seja, do meta-sociólogo. A tarefa é tão mais difícil quanto Gilberto Freyre, como cientista, está preocupado em captar a "lógica" submersa sob a complexidade, frequentemente caótica na sua aparência, da vida social; enquanto, como "escritor literário" busca preservar, ao modo dos bons ficcionistas, o sentido da complexidade inevitável do real.

Entre as constantes na abordagem gilbertiana, destaca-se a sua vocação para a síntese e, em consequência desta, a concepção do social como realidade não simplesmente cultural, em moldes idealistas, porém, bio-sócio-cultural, como bem expressou em *Sociologia*:

Dal, a meu ver, ser indispensável ao sociólogo um critério ecológico de análise sociológica que o conduza a estudos vizinhos dos do geógrafo, sem se confundirem com os do geógrafo. O ambiente que interessa ao sociólogo considerar é um conjunto de repercussões inconfundivelmente psicoculturais e sócio-culturais do que é físico, natural, bioquímico, nesse ambiente – a temperatura tropical, por exemplo – sobre o comportamento do grupo humano nele situado ou a ele radicado [...].

Isto no plano ecológico geral. Também no específico, o critério ecológico tal como o desenvolveram um tanto sectariamente os sociólogos de Chicago, pode ser utilizado com evidente vantagem pelo sociólogo moderno. (1968a, p. 77)

Em que pesem as inevitáveis restrições de um historicista ao naturalismo dos sociólogos de Chicago, expressa-se aqui, mais uma vez, o parentesco de Gilberto Freyre em relação ao paradigma ecológico-interacionista.

É desse modo que todo o percurso intelectual de Gilberto Freyre conduz à concepção da sociologia como “ciência mista ou anfíbia” (1962, tomo 1, p. 210):

É que a sociologia vem sendo ao mesmo tempo ciência *natural* e, com outras ciências chamadas sociais, ciência *cultural*. (Idem)

Em Gilberto Freyre, a concepção de cultura e sociedade, resultado do esforço de síntese, e a pluralidade metodológica levam a uma “sociologia total”, análoga à “história total” da “Escola dos Annales”. Para compreender a concepção de sociedade e cultura, bem como de sociologia e antropologia em Gilberto Freyre, alguns aspectos devem ser levados em consideração na sua abordagem: 1) a associação das perspectivas historicista e ecológica; 2) a combinação de métodos das diferentes ciências do social; 3) a conceituação da sociologia como ciência mista, ao mesmo tempo cultural e natural; tudo conduzindo ao fim último da 4) visão de síntese do social. AI estão, inclusive, os fundamentos teórico-metodológicos da *tropicologia*.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Gilberto et alii
1962 *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de Casa-Grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse livro.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- BULMER, Martin
1984 *The Chicago School of Sociology.* Chicago, London: the University of Chicago Press.
- CHACON, Vamireh
1977 *História das idéias sociológicas no Brasil.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editorial Grijalbo.
- COSEY, Lewis
1977 *Masters of Sociological Thought.* New York: Harcourt Brace Janovitch.
- DURKHEIM, Émile

- 1966 [1895] *As regras do método sociológico*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- FARIS, Robert E. L.
1970 [1967] *Chicago Sociology - 1920-1932*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- FONSECA, Edson Nery da
1983 *Um livro completa pelo século*. Recife: Editora Massangana.
- FREYRE, Gilberto
1962 [1945] *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2 tomos.
1963 [1933] *Casa-Grande & Senzala*. 12. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
1964 [1935] *Retalhos de jornais velhos*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
1968a *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
1968b [1941] *Região e tradição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora.
1975 *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
1977 [1922] *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro, Recife: Artenova, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- GIDDENS, Anthony
1981 [1978] *As idéias de Durkheim*. São Paulo: Cultrix.
- KURTZ, Lester
1986 [1984] *Evaluating Chicago School*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- LEWIS, J. David e SMITH, Richard L.
1980 *American Sociology and Pragmatism*. Chicago, London: the University of Chicago Press.
- MACRAE, Donald
1985 [1974] *As idéias de Weber*. São Paulo: Cultrix.
- PARK, Robert E.
1950 *Race and Culture*. Organizado por Everett C. Hughs. Glencoe, Ill: Free Press.
- PARK, Robert E. e BURGESS, Ernest W.
1969 [1921] *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- PARK, Robert E., BURGESS, Ernest W. e McKENZIE, Roderick D.
1984 [1925] *The City: Suggestions for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de
1989 *Desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e a contribuição européia: o caso brasileiro*, *Ciência e Cultura*, São Paulo: v. 41, n. 4, p. 378-88, 1989.
- SMITH, Dennis
1988 *The Chicago School: A Liberal Critique of Capitalism*. New York: St. Martin's Press.
- THOMAS, William J.
1966 *On Social Organization and Social Personality*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- WEBER, Max
1930 *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Tradução de Talcott Parsons. New York: Scribner's.
- 1944 [1922] *Economía y sociedad: esbozo de Sociología Compreensiva*. México: Fondo de Cultura Económica.